



A FUNÇÃO DA HERMENÊUTICA NA ESCOLA DOMINICAL¹

(Texto-base: Neemias 8.1-8)

Pr. Arquelau de Oliveira dos Santos²

1. Considerações sobre Neemias 8.1-8. 2. A Hermenêutica na interpretação bíblica; 3. Perigos na leitura, explicação e aplicação das Escrituras; 4. O que o professor de EBD precisa ensinar; 5. Recomendações de leituras.

INTRODUÇÃO

A tarefa de ensinar requer aperfeiçoamento e lapidação de nossas habilidades. Se algo merece ser feito, então merece ser bem feito, e no serviço da Igreja do Senhor não é diferente. Para melhor servir é necessário ter conhecimento sobre o serviço em si e de como prestar bem esse serviço aos santos.

Exercendo o ministério do ensino a Igreja de Cristo dissemina o conhecimento da Palavra de Deus para instruir e aperfeiçoar os santos e preveni-los contra as heresias. Por isso, há que se ter “*dedicação ao ensino*” e “*aptidão para ensinar*”, o que se aplica plenamente na Escola Bíblica Dominical.

“A Escola Dominical é a escola de ensino bíblico da Igreja, que evangeliza enquanto ensina a Palavra de Deus. Ela conjuga os dois lados da comissão de Jesus à Igreja”. (Antônio Gilberto)

1. CONSIDERAÇÕES SOBRE NEEMIAS 8.1-8: A GRANDE CONGREGAÇÃO

Depois do retorno dos judeus do exílio, após completar a construção dos muros da cidade de Jerusalém, Neemias dá destaque para um evento ímpar (que coincide, em parte, com o final de Esdras 2): a leitura da Lei para a grande congregação.

Neste cenário, pela primeira vez no livro o próprio Esdras (sacerdote e escriba) entra em cena, o que mostra a unidade dos projetos deste e do governador Neemias. Mas o que se destaca neste relato não é o esplendor dos muros reconstruídos, e nem a reorganização e retomada do serviço prestado pelos levitas e sacerdotes no culto, mas a leitura, interpretação e explicação do Livro da Lei.

Esta seção do livro estende-se de Neemias 8.1–10.39, e trata sobre:

- ✓ a leitura e interpretação da Lei

¹ Estudo ministrado no **Seminário para Lideranças** da Igreja Assembleia de Deus em Rio Branco em 12/12/2024. *Formação Continuada* bimestral para professores da Escola Bíblica Dominical promovida pelo Ministério de Educação Cristã (MEC) da AD em Rio Branco.

² Pastor auxiliar na Assembleia de Deus em Rio Branco; Professor na EBD e na EETAD/FAETAD; Bacharel em Teologia e em Direito; Licenciado em Letras Português/Espanhol; Especialista em Língua Portuguesa e Literatura no Contexto Educacional; Advogado. E-mail: arquelau7@gmail.com.

- ✓ a tristeza e contrição do povo
- ✓ a celebração da Festa dos Tabernáculos
- ✓ arrependimento e confissão de pecados pelo povo
- ✓ promessa de cumprimento da Lei e renovação da aliança com Deus

Esta perícopre de Neemias 8.1-8 pode muito bem ser resumida em dois principais versículos – 3 e 8:

³ Esdras leu o livro em voz alta, diante da praça que fica em frente ao Portão das Águas, desde o amanhecer até o meio-dia, na presença dos homens, das mulheres e dos que podiam entender. E todo o povo tinha os ouvidos atentos ao Livro da Lei. [...] ⁸ Eles iam lendo o Livro da Lei de Deus, claramente, dando explicações, de maneira que o povo entendesse o que se lia. (Ne 8.3,8 – NAA)

Os muros haviam sido completados apenas poucos dias antes desta ocasião, e uma plataforma de tamanho considerável tinha sido construída para esta grande ocasião. Embora o púlpito já estivesse pronto para o momento, há um claro desejo geral e espontâneo do povo, e não uma mera formalidade imposta pela liderança.

Essa disposição de receptividade se demonstra não somente na vinda do povo em multidões para Jerusalém “*como um só homem*”, mas também no seu pedido para que Esdras lesse as Escrituras diante deles: “... *E pediram a Esdras, o escriba, que trouxesse o Livro da Lei de Moisés, que o Senhor havia ordenado a Israel*” (Ne 8.1).

Esdras tinha a autorização do próprio rei Artaxerxes, bem como da Lei Mosaica, para proceder com o ensino ao povo. Quanto à congregação, esta consistia não de homens apenas, nem somente de adultos, mas era uma multidão “*composta por homens, mulheres e todos os que eram capazes de entender o que ouviam*” (Ne 8.2).

Parece que a leitura e interpretação foram feitas por muitos levitas; talvez, Esdras tenha lido em hebraico e os levitas sido incumbidos de traduzir ou parafrasear em caldeu ou aramaico, língua que havia se tornado popular durante o exílio. [...] Em todo caso, era necessário fazer com que o significado fosse claro, e isso foi conseguido, pois o texto informa que todas as pessoas entenderam.³

Aliás, “*entender*” é um tema de destaque neste texto, pois era o que se buscava por parte daqueles que explicavam ao povo o que estava sendo lido da Lei. Logo, era vital que todos fossem capazes de conhecer e aprender os preceitos estabelecidos por Deus para o seu povo, conforme revelado a Moisés.

O púlpito era uma plataforma suficientemente grande para acomodar Esdras e seus treze ajudantes (possivelmente sacerdotes – v. 4), e suficientemente alta para dominar o cenário e dar visibilidade. Também há a menção a outro grupo de treze homens no versículo 7.

Os **levitas** provavelmente se moveram entre a multidão, e **ensinavam**, assegurando que todos pudessem entender o que estava sendo lido. Essa interpretação para o povo era uma de suas tarefas especiais. Para facilitar o ensino, a lei pode ter sido lida em seções manejáveis. O tipo de compreensão

³ **Comentário Bíblico Beacon** – Volume 2: Josué a Ester..., 2019, p. 525.

intencionado era primeiramente espiritual, apesar de que poderia haver também problemas com conceitos básicos, e até mesmo de linguagem e erudição. (Bíblia de Estudo NAA, p. 813 – nota)

Não fica claro como estes dois grupos operavam, mas pode-se conjecturar que o primeiro grupo auxiliava Esdras na plataforma com a leitura dos trechos da Lei, enquanto os outros treze (v. 7) se movimentavam na congregação nos intervalos entre estas leituras, averiguando se as pessoas compreendiam.

O que é notavelmente aparente é o recebimento real dado à Palavra de Deus. Este dia haveria de ser um ponto crucial. [...] Na dedicação do Templo de Salomão, tinha havido glória e beleza, natural e sobrenatural, para impressionar os adoradores. Aqui o ponto de enfoque, à parte de uma plataforma de madeira, era um rolo – ou, mais exatamente, aquilo que nele estava escrito. O ato de abri-lo fez com que o povo ficasse de pé.⁴

Enquanto era feita a leitura da Lei por Esdras (“*desde o amanhecer até o meio-dia*”), e de ser explicada pelos levitas auxiliares, o povo desabou em choro e em prantos, pelo que foram consolados por Neemias, Esdras e os levitas, que os tranquilizaram para comemorarem a ocasião como um dia santo ao Senhor. E o versículo 12 arremata com o efeito de toda aquela leitura e interpretação da Lei:

¹² Então todo o povo se foi para comer, beber, mandar porções aos que nada tinham e fazer uma grande festa, porque tinham entendido as palavras que lhes foram explicadas. (Ne 8.12 – NAA)

O inevitável efeito de um mover de Deus a partir do retorno às Santas Escrituras é um despertar autêntico, que envolve sincera atenção à leitura e exposição da Palavra, enternecimento dos corações e convicção de pecado, arrependimento e confissão, e uma renovação de aliança com Deus. Isso é avivamento!

Sobre esse episódio dos dias de Esdras e Neemias, e o grande avivamento espiritual entre os israelitas originado de uma intensa disseminação da Palavra de Deus, incluindo um vigoroso ministério de ensino, escreve o mestre Antônio Gilberto:

O capítulo 8 do livro de Neemias dá um relato de como era a escola bíblica popular de então – ou como chamamos hoje: Escola Dominical. Esdras era o superintendente (Ne 8.2); o livro-texto era a Bíblia (v. 3); os alunos eram homens, mulheres e crianças (v. 3; 12.43). Treze auxiliares ajudavam a Esdras na direção dos trabalhos (v. 4) e outros treze serviam como professores ministrando o ensino (v. 7,8). O horário ia da manhã ao meio-dia (v. 3). Afirma o versículo 8 que os professores liam a Palavra de Deus e explicavam o sentido para que o povo entendesse.⁵

2. A HERMENÊUTICA NA INTERPRETAÇÃO BÍBLICA

A Hermenêutica Bíblica é uma disciplina da Teologia Exegética que se preocupa com a interpretação das Escrituras e com a maneira correta de aplicar o que é lido. “A Teologia Exegética enfatiza o emprego dos métodos hermenêuticos a fim de

⁴ Derek Kidner. **Esdras e Neemias – Introdução e comentário...**, 1985, p. 115-116.

⁵ Antônio Gilberto. **Manual da Escola Dominical...**, 1998, p. 130.

poder auscultar corretamente a mensagem dos textos sacros. Preocupa-se com o sentido primário e literal do texto sagrado”.⁶

Longe de ser um atrapalho na vida e tarefa do estudante, a Hermenêutica apresenta-se, antes, como sua “amiga”. Esta é uma das primeiras ciências que o pregador deve conhecer, ainda que muitos há que nem de nome a conhecem.

O termo “*hermenêutica*” (gr. *hermeneutikos*) é traduzido como “interpretação”, “tradução” e “explicação”. Logo, ela é a arte de explicar, de traduzir, de interpretar, e por possuir normas e regras, é designada como a **Ciência da Interpretação**.

***Hermenêutica** é o conjunto de leis e princípios de interpretação e explanação da mensagem de um texto; ela se completa com a Exegese, que se vale dos princípios hermenêuticos em suas investigações e conclusões.*

Hermenêutica não é exegese. A Hermenêutica é a mãe por excelência da Exegese, pois a torna necessária: não há exegese se não houver hermenêutica. A **hermenêutica** é a teoria ou ciência que dita as regras de interpretação, enquanto a **exegese** é a prática da Hermenêutica.

2.1 A Hermenêutica Bíblica

Todos nós precisamos aprender a interpretar as Sagradas Escrituras, sentindo-nos “livres” diante do texto que nos conduzirá e nos fornecerá as informações que almejamos extrair. Mas para isso precisamos conhecer os elementos que o constituem, buscando decifrar o “subconsciente” do texto e do seu autor, descobrindo o que está nas entrelinhas e quais suas reais intenções.

Numa definição do pastor Esdras Benthó,

Hermenêutica Bíblica é a disciplina da Teologia Exegética que ensina as regras para interpretar as Escrituras e a maneira de aplicá-las corretamente. Seu objetivo primário é estabelecer regras gerais e específicas de interpretação, a fim de entender o verdadeiro sentido do autor ao redigir as Escrituras. É a ciência da compreensão de textos bíblicos.⁷

Para interpretar a Bíblia corretamente, além de recorrermos ao Espírito Santo (o real Autor e Intérprete da Bíblia), precisamos recorrer também às tradições e costumes dos povos bíblicos. Antes de explicar o texto bíblico é necessário compreender corretamente o texto a partir de sua intenção original. Há que se ter o entendimento, a elucidação da contextura e conexões lógicas que tornam o texto e sua trama coerentes. O processo de exegese faz esse papel.

Esse “mergulho” no texto somente será possível se o esquadriharmos e decifrarmos as suas partes aparentemente “obscuras”, fazendo perguntas sobre quem é o autor e quais suas intenções, e identificando o seu destinatário original, bem como o leitor e destinatário atual. Estas são algumas questões que devem ser respondidas ao fazermos uma análise séria do texto bíblico.

⁶ Esdras Costa Benthó. **Hermenêutica fácil e descomplicada...**, 2003, p. 17.

⁷ Idem, p. 55.

2.2 Propósitos da Hermenêutica Bíblica

Com o intuito de edificar e aperfeiçoar a Sua Igreja, Jesus Cristo concedeu vários dons aos homens, dentre eles o “dom de pastor e mestre” [ou doutor], variedade que figura como sendo indispensável “*para edificação do corpo de Cristo*”.

Curiosamente, podemos ler a Bíblia sem, contudo, entendê-la, e estudá-la sem compreendê-la, mesmo em seus pontos essenciais e aparentemente mais simples. Quais seriam, então, os propósitos da Hermenêutica Bíblica para o estudante e para o pregador-ensinador da Bíblia, que inclui o professor de Escola Dominical?

A hermenêutica e a exegese se prestam a preparar o caminho para a correta exposição bíblica – esta feita nos ditames da homilética. A exposição bíblica é o comentário de uma perícopé bíblica, seja ela verbal ou escrita. Assim, a essência da exposição é a explicação e aplicação do texto.

Esdras Benthô afirma que “a exegese e a exposição bíblica se fundem nos meandros do exercício do ministério cristão, por meio da habilidade hermenêutica e exegética do *mestre*, da perícia homilética do *pregador* e da ação noutética do *pastor*”. Nesse sentido, ele destaca quatro características essenciais da exposição bíblica alicerçada numa exegese responsável e acadêmica:

- ✓ A exposição bíblica é, acima de tudo, uma explicação da perícopé bíblica com o fim de evangelizar, exortar, consolar e edificar o corpo místico de Cristo, a Igreja;
- ✓ A exposição bíblica é exegeticamente fiel ao contexto e ao autor;
- ✓ A exposição bíblica de um texto litúrgico é coesa com o restante das Escrituras;
- ✓ A exposição bíblica fundamenta-se na exegese de um texto e rejeita todas justificativas infundadas concernentes ao texto bíblico.

2.3 Princípios hermenêuticos de Interpretação da Bíblia

Podemos definir “interpretação bíblica” como sendo o ato de entender corretamente o texto sagrado, buscando saber o que de fato o escritor, inspirado pelo Espírito Santo, desejava transmitir para os seus leitores ou ouvintes originais, e como esse texto se aplica a nós e aos nossos dias.

A Hermenêutica Bíblica é um processo unitário que inclui, além da interpretação e compreensão do texto, também a sua aplicação. Sua finalidade é auxiliar o estudante da Bíblia no uso de métodos de interpretação confiáveis, e estabelecer, na prática, os fundamentos da Exegese Bíblica como base para o estudo do texto na sua diversidade linguística, cultural e histórica.

A interpretação da Bíblia tem suas regras próprias, não cabendo ao intérprete inventá-las, modificá-las, adequá-las ou estabelecer regras particulares, como se fosse sua própria hermenêutica. Eis algumas dessas regras de interpretação:

- A Escritura é explicada pela Escritura. A Bíblia interpreta e responde a própria Bíblia, e deve ser usada como recurso primeiro para entender e explicar ela mesma;

- Enquanto possível, as palavras da Bíblia devem ser tomadas primeiramente em seu sentido usual e ordinário (literal). Um texto não pode significar aquilo que nunca poderia ter significado para o seu autor ou leitores;
- É preciso considerar o desígnio ou objetivo do livro: *Para quem foi escrito? Por quê foi escrito? Quando foi escrito? Quem o escreveu?*
- É necessário tomar as palavras e textos primeiramente no sentido e significado que indica o seu próprio contexto (imediate e remoto).

3. PERIGOS NA LEITURA, EXPLICAÇÃO E APLICAÇÃO DAS ESCRITURAS

Qualquer interpretação textual, inclusive a bíblica, permite determinada elasticidade, porém sem que haja deturpações que venham a comprometer a intenção original do autor, do texto e da sua mensagem. Eis alguns perigos relacionados à interpretação equivocada da Bíblia:

- **Criar textos** “apócrifos” e inseri-los na Bíblia como se dela fizessem parte – texto extrabíblico (novos versículos ou histórias). Exemplos: Bel e o Dragão (Dn 14); infância e adolescência de Jesus; “outro” encontro de Pedro com Jesus após a sua ressurreição etc. – escritos apócrifos.
- **Distorcer textos** bíblicos, aumentando, modificando ou suprimindo as partes do texto. Exemplos: Mateus 6.33 – “e todas essas coisas” ≠ “e todas as *demais* coisas”; Jonas (2.10–3.4), o grande peixe, a praia e a grande cidade de Nínive.
- **Interpretar ou aplicar isoladamente** o texto, aplicando-lhe significados diferentes – leitura correta, mas interpretação fora do contexto. É o aumento ou diminuição no sentido original do texto. Exemplos: Filipenses 4.13 – o “*Tudo posso*” é constantemente utilizado fora do contexto paulino. Salmos 14.1 (ou 53.1) – “*Disse o néscio no seu coração: Não há Deus*”; Isaías 41.6 – “*Um ao outro ajudou, e ao seu irmão disse: Esforça-te.*” (contexto de idolatria).
- **Interpretações livres das Escrituras**, com invenções e generalizações para textos distintos e especiais, de acordo com a conveniência do intérprete ou pregador. É quando o intérprete-expositor “viaja” muito na sua interpretação e/ou aplicação do texto, criando heresias. Ex.: afirmar que o jumento, nos tempos de Jesus, equivalia a um carro de luxo; que Jesus tinha uma casa de praia (propriedade luxuosa).

É obrigação do mensageiro de Deus entender corretamente o texto bíblico; precisa ser bom porta-voz. É atalaia com a responsabilidade de dar sinal correto sobre os oráculos divinos, para que o povo não erre. O texto deve ser lido tantas vezes quantas se fizerem necessárias. Geralmente a primeira leitura é de visão geral; a segunda, de meditação e a terceira, de análise conclusão. Entretanto, isso não é regra fixa. Há casos em que o pregador lê o texto uma dezena de vezes.⁸

Quando ignoradas as regras de interpretação, a Bíblia pode ser fraudada e comparada a um amontoado de escritos. Por isso, precisamos atentar para os

⁸ Anísio Batista Dantas. **Como Preparar Sermões**, 1995, p. 81.

princípios hermenêuticos, que permitirão um processo de organização desses elementos, colocando cada coisa no seu devido tempo e lugar:

Lei	Israel	Presente	NT
Graça	Igreja	Futuro	Letra
Obras	Passado	AT	Espírito

Muitas seitas, religiões e denominações surgem do entendimento ou interpretação indevidos das Escrituras. Essas heresias, que podem nascer até mesmo sem intenções secundárias, advêm de duas fontes: do homem (Gl 5.19-21) ou do diabo (Gn 3.1). Quando provêm do homem, elas podem surgir:

- Do desconhecimento ou não-compreensão das Escrituras (ignorância);
- Da falsa compreensão das Escrituras;
- Da falsa interpretação das Escrituras;
- Da aplicação descontextualizada das Escrituras.

A mensagem bíblica poderá, sim, possuir um sentido que está além da letra escrita, uma forma figurada. Contudo, devemos ter cuidado para não irmos longe demais, por nossa própria conta, na ânsia de encontrar “aquele algo a mais” para o sermão. Por isso, ao interpretar o que lemos, devemos:

- **Comparar** nossa interpretação com a de outras pessoas (antes de nós);
- **Ouvir**, examinar e ponderar as críticas que porventura surjam;
- Fazer e adequar a nossa **interpretação coerentemente** com a mensagem geral e global da Bíblia, com o que ela mostra e diz sobre o caráter de Deus.

Não há ensino sem pesquisa, nem pesquisa sem ensino. Enquanto ensinamos, continuamos buscando, procurando, escavando. Ensinamos porque buscamos, e buscamos para ensinar (inclusive e primeiramente a nós mesmos), pois, ao educar, educamo-nos a nós também. Assim, o professor pesquisa para conhecer o que ainda não conhece, e o faz para comunicar aos outros o novo que foi aprendido.

4. O QUE O PROFESSOR DE EBD PRECISA ENSINAR

De maneira prática, o ensino só existe, de fato, quando resulta em aprendizado efetivo; quando aquilo que foi ensinado for realmente aprendido pelo interlocutor, e quando o aprendiz se torna capaz de refazer aquilo que lhe foi ensinado. É comparável à leitura, compreensão e interpretação de texto: há uma gradação até se alcançar o objetivo final. Na Didática, isso resume o chamado processo ensino-aprendizagem.

Em sua obra “*Educação cristã, uma jornada para toda a vida*”, Gilmar Vieira Chaves (2012, p. 105-108) elenca alguns pontos que o professor de Bíblia não pode eximir-se de ensinar a seus alunos:

- **Ensinar a pensar, como seres racionais e inteligentes.** A fé verdadeira não prescinde da razão, e o ensinador deve valorizar a capacidade de pensar em relação a seus alunos. Sua tarefa não é simplesmente inculcar ou impor ideias, mas

dar espaço para desenvolvê-las, e até mesmo discordar delas. O educador cristão deve enxergar um teólogo em cada aluno, alguém que reflita sobre Deus (Rm 14.5).

- **Ensinar a trabalhar, utilizando os talentos para a promoção do Reino.** As potencialidades do aluno precisam ser despertadas, valorizadas e aperfeiçoadas, para que ele se sinta participante do Reino a ponto de ter necessidade e responsabilidade pelo serviço cristão.
- **Ensinar a aprender a aprender (propósito do aluno como aprendiz).** A aprendizagem é um grande bem que precisa ser adquirido, e o mestre deve ensinar ao aluno que a maior virtude da vida é aprender. Precisa convencê-lo de que o aprendizado é o maior investimento, e que aprender é investir em si mesmo.
- **Ensinar a aprender como aprender, como chegar a novos conhecimentos.** Dois principais caminhos ou métodos para se chegar ao aprendizado é a leitura e a observação, e o mestre precisa mostrar esses itinerários do conhecimento ao aluno. Deve ensiná-lo a aprender como aprender os caminhos que levam ao conhecimento, os métodos que tornam o aprendizado mais eficiente.

O mestre piedoso, em sua prática docente, deve forçar a capacidade de crítica de seu aluno. Ao mesmo tempo, deve ficar claro para eles que o professor já teve e continua tendo a experiência da produção de saberes, e que estes não podem ser automaticamente transferidos aos alunos sem que eles mesmos o busquem.

Ao ser produzido, o conhecimento novo supera outro que antes foi novo (e agora se fez velho), e este novo se “dispõe” a ser ultrapassado (ou completado) por outro amanhã. Isso não significa que o conhecimento “envelhecido” será descartado, pois um conhecimento primário ou anterior serve de base para o que se aprenderá posteriormente, e assim sucessivamente.

Jesus foi o maior pedagogo de todos os tempos; usou todos os métodos didáticos disponíveis para ensinar. [...] Jesus ensinava complexidade usando a linguagem simples das coisas do dia-a-dia. Sua linguagem sempre era tangível à experiência das pessoas – emprego, problemas pessoais, costumes, vida familiar, natureza, conceitos religiosos etc. Seus instrumentos pedagógicos eram os campos, as montanhas, os pássaros, as tempestades, as ovelhas.⁹

5. RECOMENDAÇÕES DE LEITURAS

A Bíblia da Escola Bíblica (2016, p. xxxi) elenca algumas obras e recursos que não podem faltar na biblioteca do professor, indispensáveis para a pesquisa e aprofundamento intelectual e espiritual. Estes materiais didáticos, quando utilizados adequadamente, redundarão em melhor qualidade de suas aulas e prédicas:

- *Bíblia em linguagem atual* e traduções diferentes: Traduções como “A Mensagem”, “A Bíblia Viva”, “Nova Tradução na Linguagem de Hoje”, dentre outras do gênero, facilitam o entendimento do texto sagrado.
- *Bíblia de Estudo*: Bíblias com notas de estudo no rodapé e comentários sempre acrescentam muito na leitura e pesquisa das Sagradas Escrituras.

⁹ Marcos Tuler. **Manual do Professor de Escola Dominical...**, 2002, p. 59-60.

- *Enciclopédia e Atlas Bíblico*: contém informações sobre os assuntos bíblicos, organizadas em ordem alfabética e mapas bíblicos.
- *Dicionário Bíblico e/ou Teológico*: definição de muitos vocábulos da Bíblia e definições de termos teológicos e de doutrinas.
- *Manual bíblico*: comentário abreviado de temas bíblicos, sinopse dos livros da Bíblia, artigos sobre personagens, eventos e institutos dos tempos bíblicos etc.
- *Teologia sistemática*: aprofundamento das principais doutrinas da Bíblia.
- *Comentário bíblico*: acrescentam aprofundamento nas passagens bíblicas, podendo ser comentário devocional, teológico, exaustivo etc.
- *Manuais de ensino e outros livros evangélicos*: bases do ensino cristão, literaturas de qualidade, de bons autores, que abordem com clareza os assuntos desejados.

Obviamente, a principal ferramenta do professor na preparação de seus estudos é a Bíblia Sagrada. Contudo, é imprescindível, para um bom sermão, o uso desses recursos. O obreiro precisa ter uma biblioteca pessoal, um investimento que vale muito a pena, e deve fazer parte da sua intensa busca pelo santo saber.

A sabedoria consiste precisamente em se entender que sempre se pode melhorar. Sempre há algo a aprender. Os presunçosos, porém, nunca admitem participar de um treinamento. Não aceitam sugestões e orientações. [...] enfim, eles se ensimesmam, autocentram-se e perdem completamente a autocrítica, se é que um dia a possuíram.¹⁰

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O homem é um ser consciente, que usa sua capacidade de aprender não apenas para se adaptar, mas, sobretudo, para transformar a realidade sua e de outros. Somos os únicos seres socialmente capazes de apreender. Para nós, aprender é uma aventura criadora; é construir, reconstruir, constatar para mudar.

O ensinar inexistente sem aprender, e o aprender inexistente sem ensinar. Na prática, não há docência sem discência, e os sujeitos (professor e aluno), apesar de suas diferenças, não se reduzem à condição de objeto um do outro. O processo de aprender pode deflagrar uma curiosidade crescente.

Nos desafios culturais, éticos e educacionais que enfrentamos, é necessário que procuremos, dentro da realidade de nossa igreja local, preparar-nos melhor para cumprir a tarefa de ensinar a Palavra de Deus. Tiago adverte que muitos não queiram ser mestres (professores), visto que “*receberemos mais duro juízo*” (Tg 3.1).

Não há outro caminho para manter a igreja viva, a não ser o retorno às Escrituras, como ocorreu no tempo do rei Josias (2Cr 34.15). Onde a Palavra de Deus é ensinada e praticada, o avivamento acontece. Pecados são confessados, ídolos pessoais são banidos, desinteresses pelas coisas de Deus desaparecem; a aliança espiritual é renovada e o povo passa a celebrar, com alegria, a vitória recebida.

¹⁰ Marcos Tuler. **Manual do Professor de Escola Dominical...**, 2002, p. 60

REFERÊNCIAS

BENTHO, Esdras Costa. **Hermenêutica fácil e descomplicada**: como interpretar a Bíblia de maneira prática e eficaz. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

BÍBLIA DA ESCOLA BÍBLICA. **Almeida Revista e Atualizada, 2ª. Edição de 1993**. Para estudar e ensinar com excelência. Com notas e estudos devocionais para o professor. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2016.

BÍBLIA DE ESTUDO NAA (Nova Almeida Atualizada). **Edição Revista e Atualizada, 3ª. Edição de 2017**. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2018.

BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL. **Almeida Revista e Corrigida, Edição de 1995**. Com notas e estudos bíblicos e muitos outros valiosos auxílios. Notas e Estudos de Donald C. Stamps. Trad. Gordon Chown. Rio de Janeiro: CPAD, 1995.

CHAVES, Gilmar Vieira. **Educação cristã, uma jornada para toda a vida**. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2012.

COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON. **Volume 2: Josué a Ester**. Vários autores. Rio de Janeiro: CPAD, 2019.

DANTAS, Anísio Batista. **Como Preparar Sermões**: Dominando a arte de expor a Palavra de Deus 1995. 2. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1995.

GILBERTO, Antônio. **Manual da Escola Dominical**. 17a. Ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1997.

KIDNER, Derek. **Esdras e Neemias – Introdução e comentário**. Série Cultura Bíblica. São Paulo: Vida Nova, 1985.

TULER, Marcos. **Manual do Professor de Escola Dominical**: Didática aplicada à realidade do ensino cristão. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.